



Universidade Federal de São Paulo
Relações Internacionais

História das Relações Internacionais
Prof. Dr. Rodrigo Medina Zagni
Aula

IMPERIALISMO E LUTAS ANTICOLONIAIS





CONTATOS:

Rodrigo Medina Zagni

E-mail:

rodrigo.medina@unifesp.br

Home-pages:

www.forum-historiae.com.br

rodrigomedinazagni.academia.edu

Youtube:

https://www.youtube.com/channel/UCeaGtLo8nB06dPzJy_no1bA

Grupo de pesquisa:

www.massacres-e-genocidios.com.br





BIBLIOGRAFIA DA AULA:

Leitura obrigatória:

PORTER, Andrew. *O imperialismo europeu (1860-1914)*. Lisboa: Edições 70, 2011, pp. 85-91; 181-192 (“Cronologia”; “Expansão e império”)

Leitura complementar:

HOBSBAWM, Eric J. *A era dos impérios - 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, pp. 87-124 (“A era dos impérios”)

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2011, pp. 34-116 (“Territórios sobrepostos, histórias entrelaçadas”)

WOLFGANG, Döpcke; “A realização da hegemonia europeia no mundo: o novo imperialismo”; in: SARAIVA, José Flávio Sombra (org.). *História das Relações Internacionais Contemporâneas: da sociedade internacional do século XIX à era da globalização*. São Paulo: Saraiva, 2008, pp. 98-111.





MATERIAIS COMPLEMENTARES:

Vídeos:

Conferência: “Lenin, o imperialismo e as guerras”, Domenico Losurdo, lançamento do livro “A luta de classes: uma história política e filosófica”, Auditório da Sede nacional do PCdoB, junho de 2015.

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=aQXjZAJT-Vc>

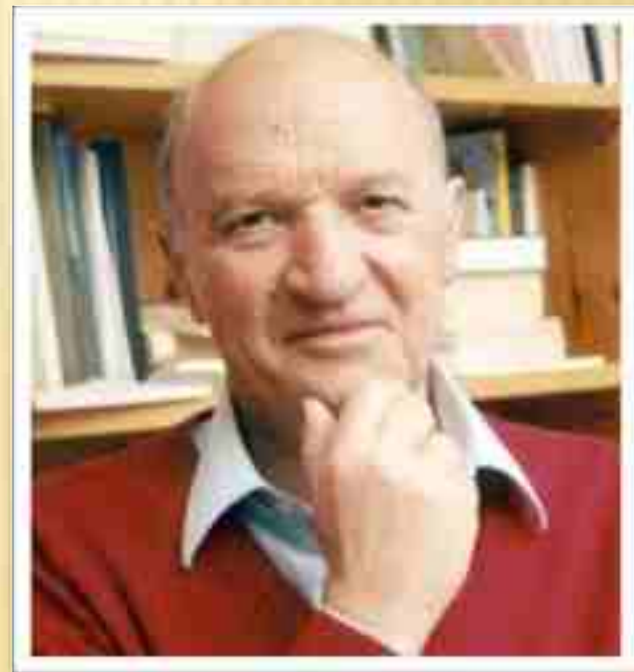
Aula: “Imperialismo: história e teorias”, Virgínia Fontes, Curso “Capitalismo, imperialismo, dependência e crise”, Escola Latino-Americana de História e Política (ELAHP), 2020.

Link:

<https://www.youtube.com/watch?v=gCrWUUVW6bO8&t=1025s>

Debate: “Imperialismo e luta anticolonial: um debate entre Hannah Arendt e Franz Fanon”, Maria Ribeiro do Valle e Jones Manoel, Debate CEDEM, Centro de Documentação e Memória da UNESP, jan. 2021.

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=TBZiPxi25qk>





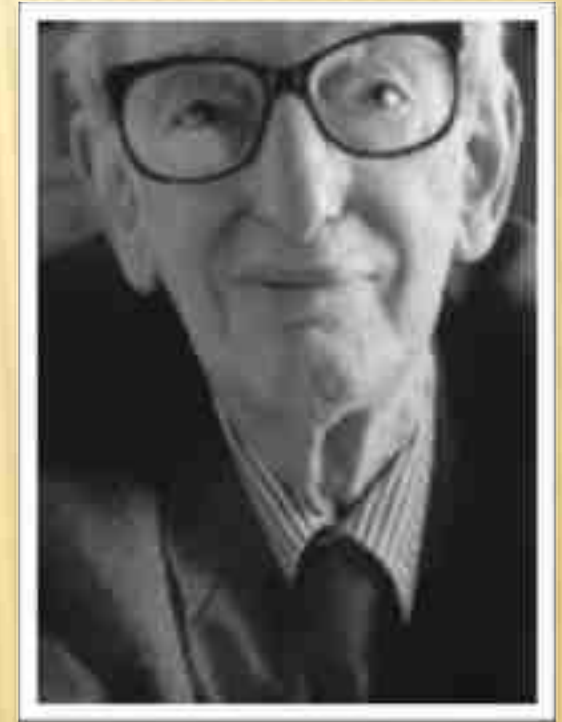
O IMPERIALISMO NO DEBATE HISTORIOGRÁFICO



NIALL FERGUSON



ANDREW PORTER



ERIC HOBSBAWM



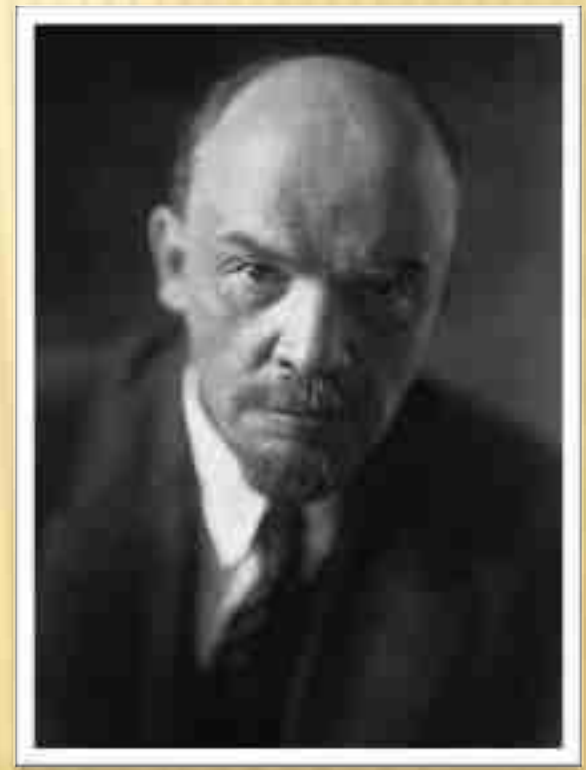
O CONCEITO DE IMPERIALISMO NA TEORIA POLÍTICA



RUDOLF HILFERDING



ROSA
LUXEMBURGO



VLADIMIR LENIN





A ERA DOS IMPÉRIOS





Charge extraída do livro
"Cai o Império! República vou ver."





“Os imperadores e impérios eram antigos, mas o imperialismo era novíssimo.”
Eric Hobsbawm

“Tem-se a impressão de que, nesse momento, a humanidade vivia apenas para produzir e acumular riquezas.”

Max Beer



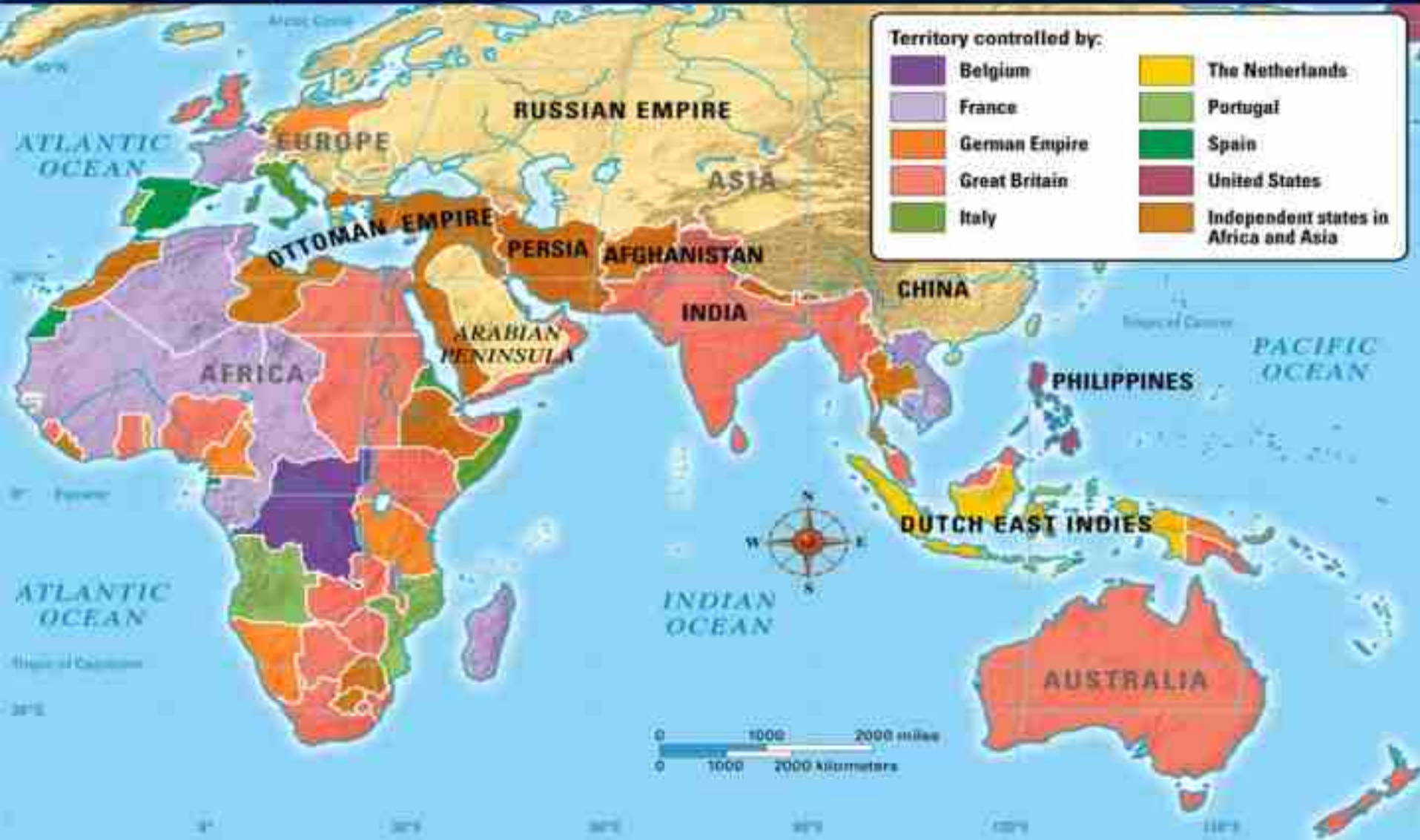


Eric Hobsbawm caracterizou o período que se estendeu de 1875 a 1914 como uma “Era dos Impérios” por ter se desenvolvido, neste curto espaço de tempo, uma nova forma de imperialismo ainda que os impérios tivessem presença muito mais antiga no Ocidente; mas não apenas por isso, nunca antes a qualidade de “império” fora tantas vezes reivindicada por governantes que, a fim de demonstrarem sua condição superior de poder, se autodenominaram “imperadores”, sendo reconhecidos por outros governantes como tal.





Colonial Claims, 1900





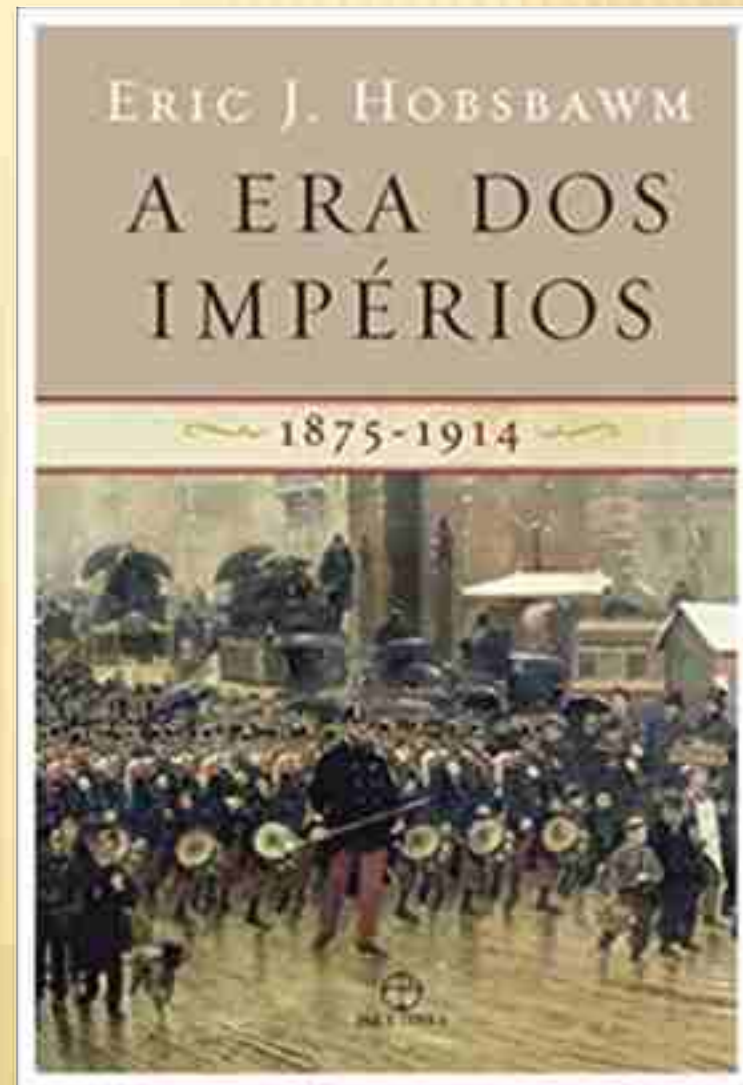
THE WORLD IN THE AGE OF NEW IMPERIALISM, 1870-1914





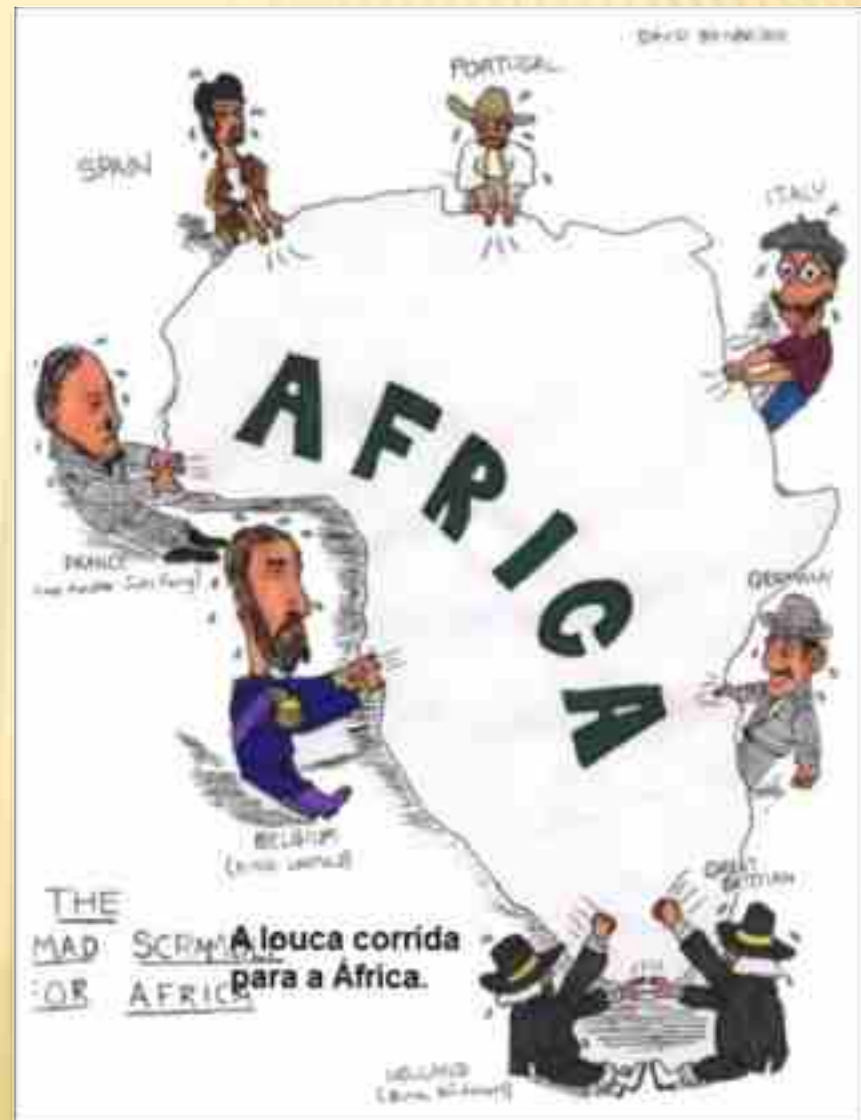
Na Europa, foi o caso dos tradicionais impérios da Áustria, Rússia e Turquia, além dos recentíssimos impérios da Alemanha (que se unificara na forma da autocracia dos *Kaisers*) e da Grã-Bretanha, que se agigantava na condição de império marítimo.

No ambiente extra-Europeu, China, Japão e Pérsia sustentavam a condição de impérios orientais; e enquanto toda a América Espanhola liberta optara pela condição republicana, o Brasil (caso lusófono) deteve, até 1889, o único imperador de todo o Hemisfério Ocidental.





Este novo imperialismo consistiu no império colonial, por sua vez produto do desenvolvimento do capitalismo histórico cuja etapa monopolista levou a supremacia econômica e militar dos países que estavam à frente de sua corrida concorrencial, e cuja condição de poder não vinha sendo ameaçada por Estados antagônicos, ao menos até o início desta nova fase, quando dois impérios (de novo tipo) emergentes impõem-se como “potências desafiantes”: Alemanha e EUA. Também entre o final do séc. XVIII e primeira metade do séc. XIX, nenhum desses poderes traduziu sua condição de proeminência em conquista formal, submetendo, anexando e administrando regiões distantes aos seus domínios; é entre 1880 e 1914 que este fenômeno se produz e, nele, a periferia do sistema capitalista passa a ser loteada entre as grandes potências: Alemanha, Bélgica, EUA, França, Grã-Bretanha, Holanda, Itália, Japão.







- × *"... O homem considerado isoladamente não existe no estudo das relações internacionais. Em grupo, os homens criam um consenso para serem mais fortes, depois o destroem, porque a eficácia vai de encontro à felicidade e esta é preferível à eficácia quando os períodos de alta tensão terminam. Quando esse fenômeno se produz, assistimos à formação e à destruição dos impérios".*
- × Jean-Baptiste Duroselle.
- × *Todo império perecerá:* teoria das Relações Internacionais. Brasília: UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000, p. 407.



Em termos de conquista direta ou de sua dominação indireta, foram submetidos ao mando europeu regiões inteiras na África e sul-sudesta da Ásia; enquanto a América Latina estaria submetida a um tipo ainda mais novo de imperialismo: aquele engendrado por “impérios informais” neste caso, dos EUA e cujo mote de dominação não prescindiria, essencialmente, da conquista formal, da ocupação e da administração direta desses territórios, senão na submissão de suas administrações frente ao poder econômico e militar e das pressões políticas exercidas pelo “império informal” para a dominação econômica, controle dos mercados, fluxo de produção e de negócios, nos seus interesses diretos.



Cecil Rhodes and the Cape-Cairo railway project. Rhodes aimed to "paint the map red" (to show the British Empire).



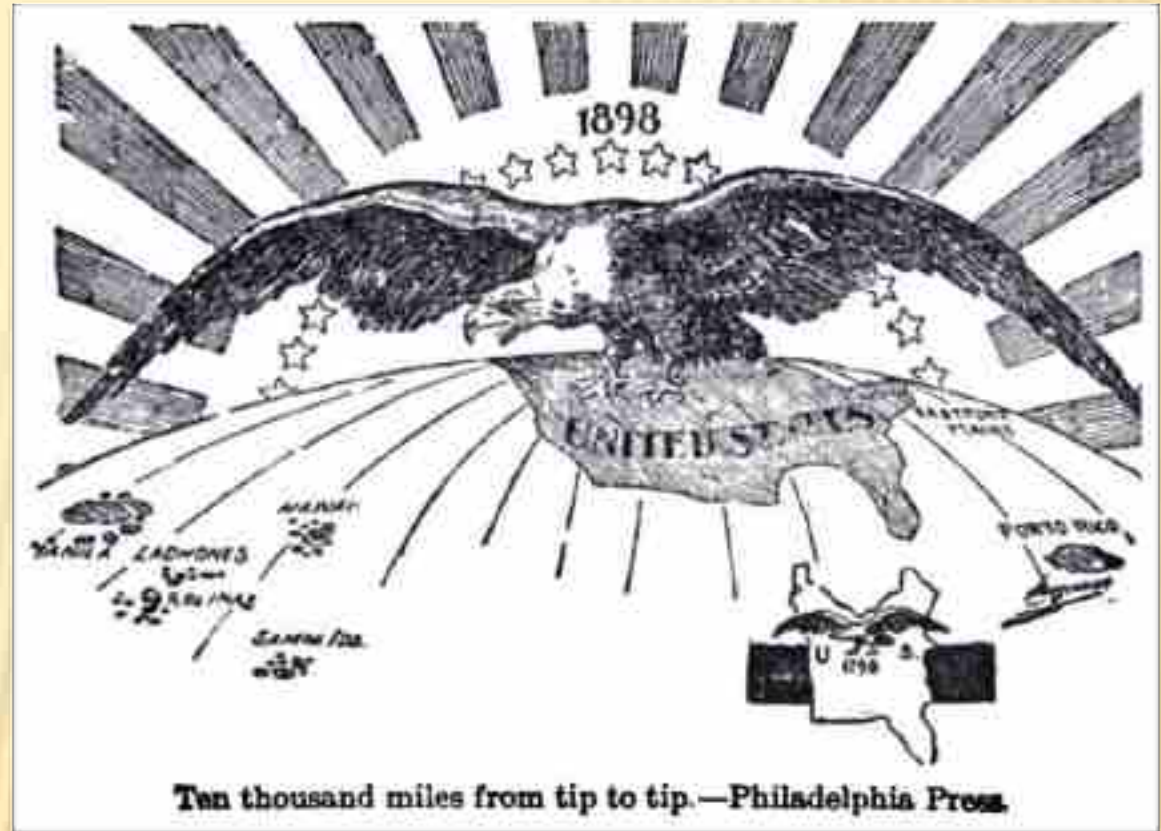
Não foi apenas o modelo de expansão e de dominação imperial napoleônica que mostrava-se, ali, superado; mas com o fim do “Segundo Império” francês de Napoleão III – em 1871 e a ausência de Espanha e Portugal da partilha do mundo periférico (apesar de Portugal ter mantido seus principais territórios na África, em Angola e Moçambique), tendo como razão elementar da ausência destes dois últimos o fato de tratarem-se de economias ainda pré-industriais (portanto sem condição alguma de participar da corrida concorrencial capitalista), desvela que o sistema mundial obedecia inexoravelmente as etapas do processo de desenvolvimento do capitalismo histórico.



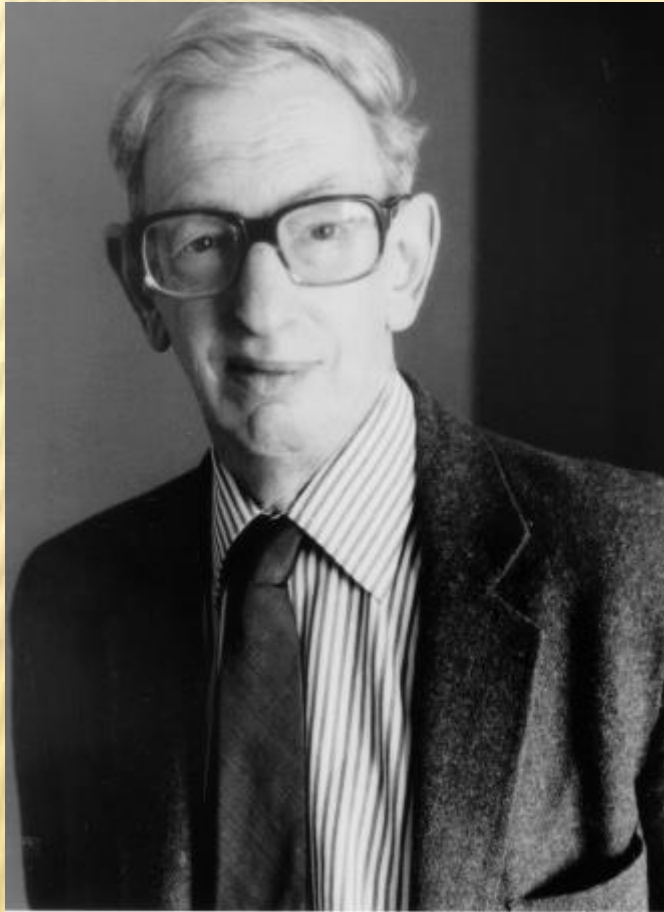
O Cristianismo foi a
religião do
Imperialismo



A Espanha ainda viria a perder, na Guerra Hispano-Americana que sangrou a independência de Cuba, em 1898, suas poucas possessões imperiais: Porto Rico e Filipinas diretamente para os EUA; e Cuba submetida ao mesmo império por via da “Emenda Platt”.



1898 political cartoon: "Ten Thousand Miles From Tip to Tip" meaning the extension of U.S. domination (symbolized by a bald eagle) from Puerto Rico to the Philippines. The cartoon contrasts this with a map of the smaller United States 100 years earlier in 1798.



“Duas regiões maiores do mundo foram, para fins práticos, inteiramente divididas: África e Pacífico. Não restou qualquer Estado independente no Pacífico, então totalmente distribuído entre britânicos, franceses, alemães, holandeses, norte-americanos e – ainda em escala modesta – japoneses. Por volta de 1914, a África pertencia inteiramente aos impérios britânico, francês, alemão, belga, português e, marginalmente, espanhol, à exceção da Etiópia, da insignificante Libéria e daquela parte do Marrocos que ainda resistia à conquista completa. (...) Dois impérios praticamente novos foram criados pela conquista francesa da Indochina, iniciada no governo de Napoleão III, e pela conquista japonesa da Coreia e de Taiwan (1895), às custas da China, e, posteriormente, de forma mais modesta, às custas da Rússia (1905)..”

Eric Hobsbawm



DIVISÃO DO PLANETA DE ACORDO COM A DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO

Estados proprietários

Núcleo orgânico do capital
Estados centrais
Potências de capitalismo desenvolvido que detêm os meios industriais de produção de bens de consumo, organizam a circulação comercial e concentram os capitais provenientes da expansão do comércio na forma do capital financeiro.

Territórios coloniais ou semi-coloniais

Autonomia nula ou relativa.



Aquisições territoriais das grandes potências entre 1876 e 1915

Grã-Bretanha	10.000.000 Km ²
França	9.000.000 Km ²
Alemanha	2.500.000 Km ²
Bélgica	2.000.000 Km ²
Itália	2.000.000 Km ²
EUA	250.000 Km ²
Japão	250.000 Km ²

Fonte: HOBBSAWM, Eric J. A era dos impérios: 1875-1914. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 91.



Conforme podemos auferir deste quadro implica dizer que neste período praticamente toda a superfície continental do globo foi reordenada segundo os interesses dessas sete potências, distribuindo ou redistribuindo territórios periféricos ou “não-capitalistas” como territórios coloniais, semi-coloniais ou zonas de influência.

Foi o envolvimento da imprensa e das sociedades em geral nas discussões sobre o colonialismo, apenas um dos aspectos das profundas transformações pelas quais passava o capitalismo como sistema mundial, que popularizou o termo “imperialismo” na década de 1890, primeiro para tratar de sua dimensão política e, depois, como fenômeno econômico.

De uma acepção ligada à expansão política e militar dos antigos impérios, o termo agora era alusivo a uma realidade consubstancialmente nova.



Western Imperialism in Asia



- ✘ *“A potência vai muito além do militar, do jurídico, do executivo e da administração. Pelas hierarquias complicadas, que se recortam e que fazem com que o poder supremo se espalhe e se dilua em uma infinidade de subpoderes, o econômico, a cultura e os valores participam muito para a vontade que têm muitos homens de dominar os outros.”*

- ✘ Jean-Baptiste Duroselle.
- ✘ *Todo império perecerá: teoria das Relações Internacionais.* Brasília: UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000, p. 391.





American cartoon of John Bull (England) as an Imperial Octopus. His arms are reaching out to various regions.



Deste vigor explicativo despontam as teses lenilistas do imperialismo, publicadas em 1916 no clássico “Imperialismo, fase superior do capitalismo” que identificam o colonialismo e a repartição do mundo entre as grandes potências como parte do processo de luta determinada pela fase monopolista do capitalismo financeiro. A mesma rivalidade teria levado à eclosão da Grande Guerra em 1914, portanto uma guerra imperialista.

Pautado o lenilismo numa explicação econômica do imperialismo e o antilenilismo na sua negação (contemplando a possibilidade de o capitalismo poder ser dissociado do fenômeno do imperialismo), de acordo com Hobsbawm “... ninguém teria negado nos anos 1890, de que a divisão do globo tinha uma dimensão econômica”.

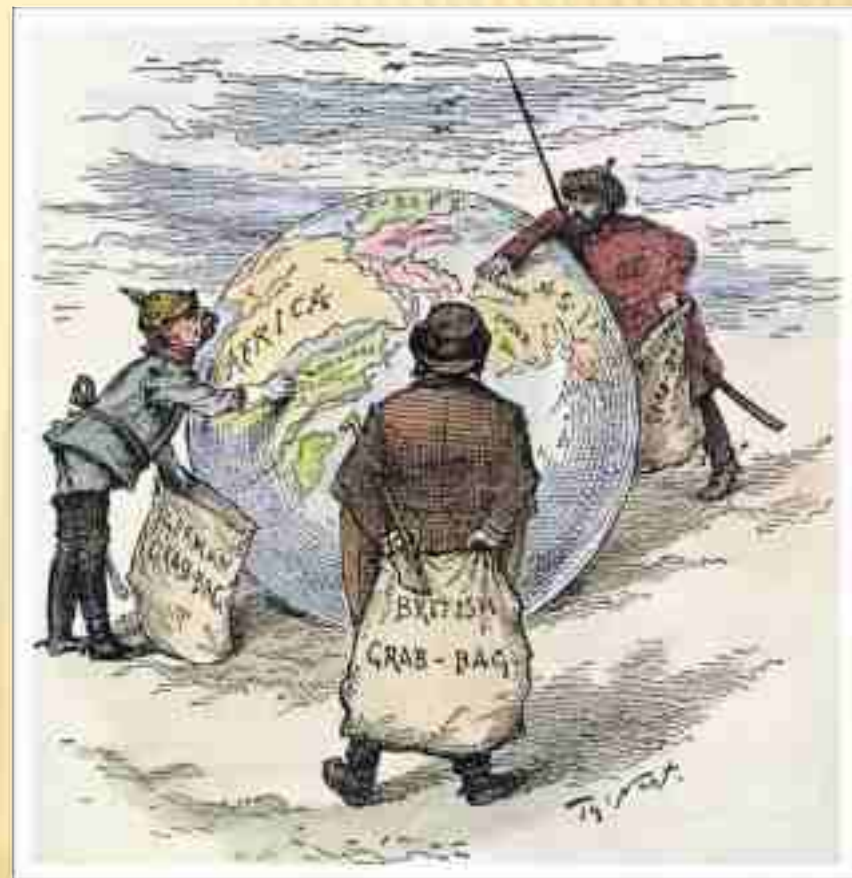


Lenin





Trata-se, com isso, do processo de consolidação de um sistema de economia-mundo (acelerado neste período) que passava a interconectar regiões distantes do planeta pela via da divisão internacional do trabalho e, com isso, dos papéis desempenhados por atores dominantes e subalternos dando forma ao colonialismo pela via do imperialismo, numa complexa rede de relações econômicas gravemente assimétricas e nas quais a riqueza das nações se fincava na expropriação da riqueza dos povos, ainda que não estivessem anuladas (senão distensionadas ou agravadas) as contradições internas de ambos os tipos de sociedades. Esta complexa rede que interconectava regiões distintas foi viabilizada por notáveis avanços técnicos operados sobretudo na área dos transportes (navegação mercante e rede ferroviária), que incorporou uma série de realidades marginais ao sistema mundial e permitiu a quadruplicação das exportações europeias entre 1848 e 1875.







A chuva que irriga os centros de poder imperialista afoga os vastos subúrbios do sistema. Do mesmo modo, e simetricamente, o bem-estar de nossas classes dominantes – dominantes para dentro, dominadas para fora – é a maldição de nossas multidões, condenadas a uma vida de bestas de carga.

(Eduardo Galeano)

kdfrases

Isso se deve ao fato de que, nos quadros de uma corrida concorrencial capitalista dada nos marcos do industrialismo, os países centrais, europeus, desenvolveram neste período uma rápida dependência, em termos de aquisição de matéria-prima, mercados consumidores e até mesmo força de trabalho, em relação aos países periféricos que neste novo momento, com o advento de uma fina malha de transportes, eram acessíveis.



O desenvolvimento tecnológico, índice de superioridade na corrida concorrencial capitalista agora dependia de matérias-primas que seriam encontradas em lugares remotos.

O motor de combustão interna dependia do petróleo e da borracha.

O petróleo vinha predominantemente dos EUA e da Europa mas os campos petrolíferos do Oriente Médio já eram objeto de intenso confronto.

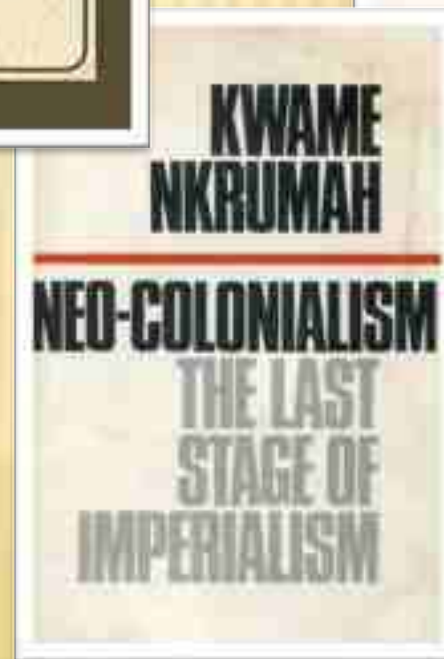
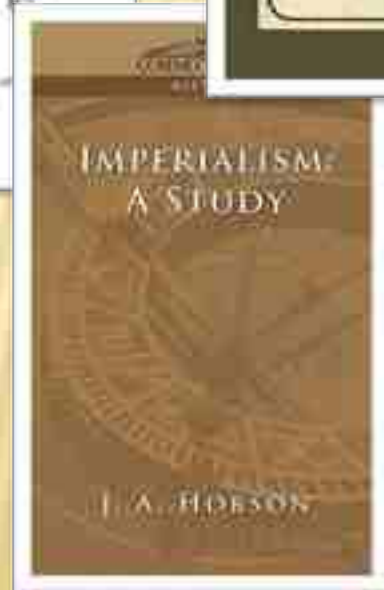
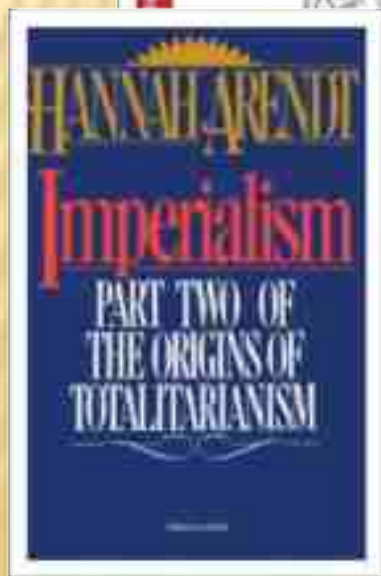
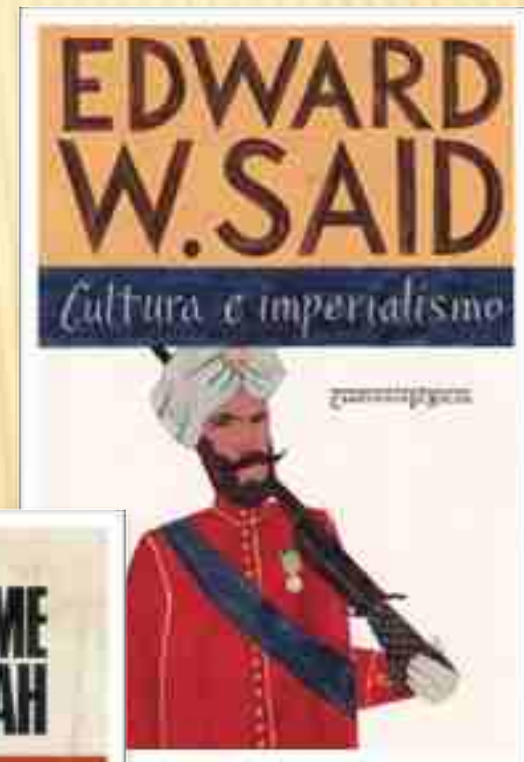
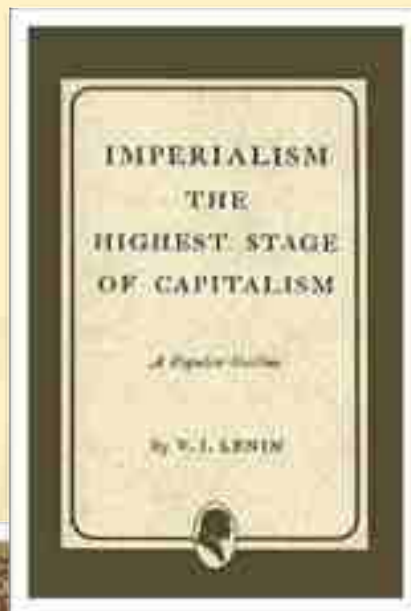
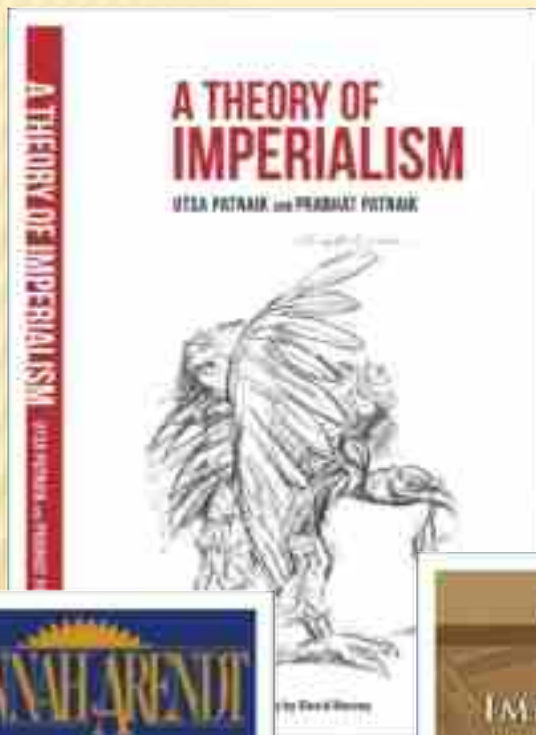
A borracha era um produto exclusivamente tropical, extraída com uma exploração atroz de nativos do Congo e da Amazônia.

O estanho provinha da Ásia e da América do Sul.

As novas indústrias elétrica e de motores prescindiam do cobre. Suas principais reservas estavam no Chile, Peru, Zaire, Zâmbia.

Havia uma demanda constante de metais preciosos que, neste período, transformaram a África do Sul, no maior produtor de ouro do mundo, sem contar sua riqueza em diamantes.

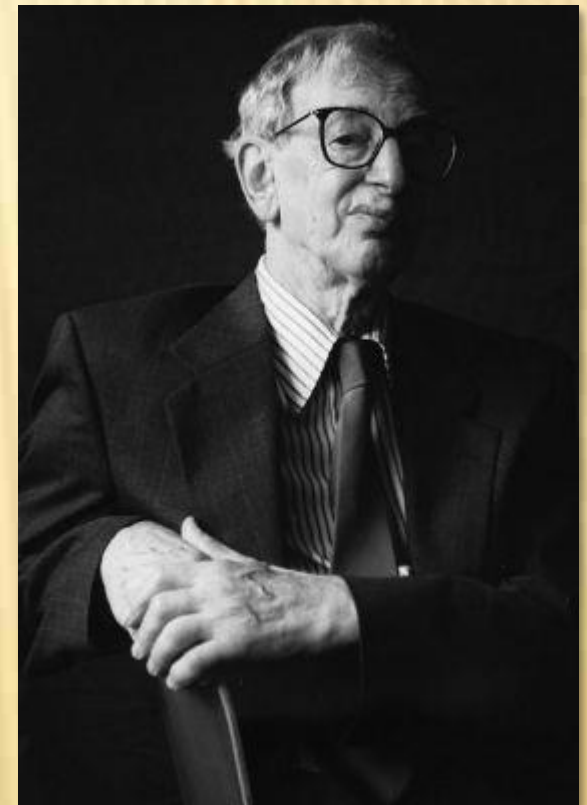




*Uma
literatura
sobre o
Imperialismo*



“As minas eram os principais pioneiros da abertura do mundo ao imperialismo, muito eficazes nesse papel, porque os lucros eram suficientemente excepcionais para justificar também a construção de ramais e ferrovias.”
Eric Hobsbawm





A ERA IMPERIALISTA





Já de acordo com Max Beer, tem-se na História Contemporânea uma “era imperialista” durante o período que se estende de 1880 a 1914; precedida por um período de guerras que ocorrem de 1854 a 1879 e nas quais são definidos os processos de unificação nacional de Alemanha, Itália e EUA, bem como têm curso as lutas de libertação nacional dos povos dos Balcãs. Não se trata, contudo, de processos localizados, isso porque de sua resolução dependeria a era imperialista que se estendeu, em escala crescente, por sobre todos os povos do planeta.

Max Beer





Não apenas a repartição da periferia do sistema capitalista entre as grandes potências, como no caso da partilha da África e da recolonização violenta da Ásia; mas um surto modernizador, levado a cabo pelas economias centrais nessas realidades periféricas, possibilitou a instalação dos empreendimentos necessários para a exploração econômica de regiões imensas e distantes dos mercados centrais, como a construção de redes de estradas de ferro, linhas de telégrafo, a implementação de maquinarias a vapor e mesmo grandes transportes populacionais (como ocorrera nos EUA com a expansão para o Oeste), reconfigurando paisagens sociais ainda feudais.

O desenvolvimento econômico das principais potências capitalistas, nesse período, é demonstrado por Beer a partir do índice de desenvolvimento da produção das duas mais importantes matérias-primas para a indústria moderna: o carvão e o ferro; bem como a partir da comparação entre o número total da população europeia e a dos EUA no mesmo período, conforme os quadros demonstrativos que veremos a seguir:



Extração de carvão (em toneladas)		
Países	1880	1913
Inglaterra	147.000.000	292.000.000
França	19.400.000	41.000.000
Alemanha	59.000.000	277.000.000
Estados Unidos	70.500.000	517.000.000

Produção de ferro bruto (em toneladas)		
Países	1880	1913
Inglaterra	7.780.000	10.000.000
França	3.070.000	5.300.000
Alemanha	5.120.000	19.400.000
Estados Unidos	3.840.000	31.500.000

População		
-	1880	1913
Europa	315.000.000	419.000.000
Estados Unidos	51.000.000	105.000.000

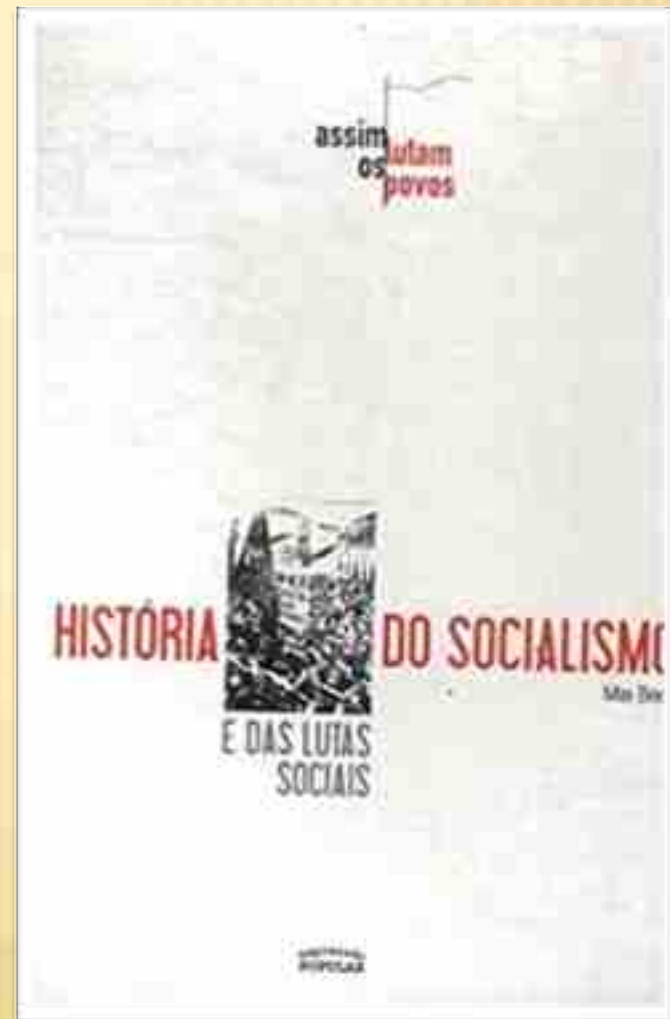
Fonte: BEER, Max. História do socialismo e das lutas sociais. Rio de Janeiro: Laemmert, 1968, p. 532



Os dados revelam não apenas as posições ocupadas pelas grandes potências durante a era imperialista; mas sobretudo a dinâmica que se deu durante a corrida concorrencial capitalista por uma condição de hegemonia e a partir da qual se assentaria um novo ordenamento internacional. A Alemanha, cuja extração de carvão era menor que a metade da extração inglesa em 1880 e cuja produção de ferro bruto colocava-a atrás da Inglaterra, quase se iguala a esta no ano de 1913 em extração de carvão e a supera, no mesmo ano, com praticamente o dobro de toneladas em produção de ferro.

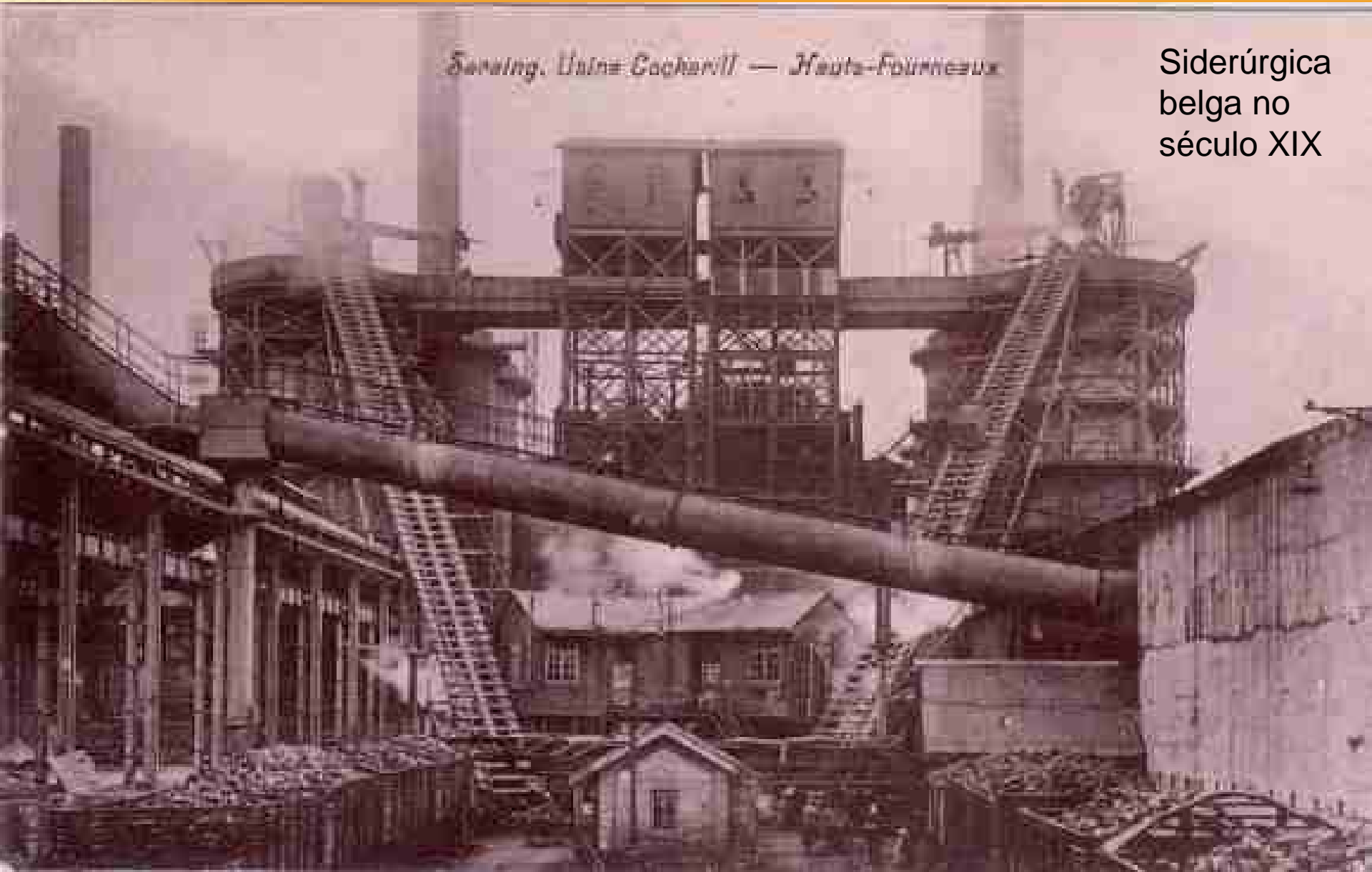
Já os EUA saltam de segundo colocado, em 1880, para a condição de extrator de mais do dobro de toneladas do carvão obtido pela Inglaterra em 1913.

Somadas as extrações de Inglaterra, França e Alemanha, estas superam em apenas 93 milhões de toneladas o total extraído pelos EUA às vésperas da Grande Guerra.





Pequena mina de carvão em West Virginia, em 1908 (por Lewis Wickes)



Siderúrgica
belga no
século XIX



No que se refere à produção de ferro bruto os demonstrativos também impressionam, uma vez que os EUA, à frente do último colocado em 1880 (França) em apenas 700.000 toneladas, passa a produzir três vezes mais que a Inglaterra em 1913, com 31.500.000 toneladas.

CARVÃO						
Ano	Grã-Bretanha		Alemanha		Estados Unidos	
1871	117		29		42	
1880	147		47		65	
1890	182		70		143	
1900	225		109		245	
1913	292		190		571	
FERRO FUNDIDO E AÇO						
Ano	Grã-Bretanha		Alemanha		Estados Unidos	
	Ferro	Aço	Ferro	Aço	Ferro	Aço
1880	7,9	3,7	2,7	1,5	4,8	1,9
1890	8,0	5,3	4,7	3,2	10,1	4,7
1900	9,1	6,0	8,5	7,4	20,4	17,2
1910	10,2	7,6	14,8	13,1	30,8	31,8

Produção de carvão, ferro fundido e aço na Gra-Bretanha, Alemanha e Estados Unidos no final do século XIX e início do século XX.



Mas o demonstrativo mais significativo, pensando na prosperidade advinda do desenvolvimento econômico durante a era imperialista, está no fato de a população europeia, de 1880 a 1914, ter sido acrescida apenas em torno de 1/3 de seu total; enquanto nos EUA a população literalmente dobrou. Em suma, os dados revelam que durante este período operou-se, de fato, a passagem da preponderância econômica inglesa para os EUA, seguidos pela Alemanha, cujo desenvolvimento econômico apresentou também índices bastante relevantes.



Navio com migrantes em direção a Ellis Island, em 1906. THE GRANGER COLLECTION / CORDON PRESS



A fim de caracterizar este período de profundas transformações como uma era imperialista, Beer sustentou que o desenvolvimento econômico assistido no centro do sistema capitalista se deu a partir do crescimento abrupto da produtividade do trabalho, por sua vez em um ambiente laborial totalmente carente de regulamentação e no contexto da massiva proletarização de contingentes populacionais inteiros, o que incluía deslocados do campo e em alguns casos de regiões litorâneas.

Como resultado, tem-se um descompasso crescente entre oferta e procura, cuja desproporcionalidade é responsável direta por crises econômicas constantes. Desvelou-se com essas crises que fenômenos como a paralisia de setores produtivos e de negócios, o desemprego, a queda abrupta dos preços, não seriam exógenos ao desenvolvimento capitalista; mas seu anverso.

Mais que isso, as constantes crises econômicas (que rapidamente se tornaram crises políticas e, mais amplamente, sociais), neste período, preconizavam uma necessidade: o aumento dos mercados.

Isso porque a tendência geral da mecanização das linhas de produção levou à consequente queda dos preços, não só de produtos industrializados mas inclusive manufaturados, o que por sua vez levou à redução da percentagem do lucro obtido pelas classes proprietárias.



Desejosos por manterem suas anteriores proporções de lucro, os proprietários das indústrias viram como solução a ampliação das empresas e de meios para a produção em massa.

Logo, para manter-se na corrida concorrencial capitalista, tornava-se necessário dispor de grande capital a fim de aumentar sua capacidade produtiva nos níveis da indústria de massa, o que levou ou ao desaparecimento ou à associação daqueles que não conseguiram acompanhar dado andamento.

A ORIGEM DESTE
PROCESSO SÃO OS
MONOPÓLIOS ECONÔMICOS



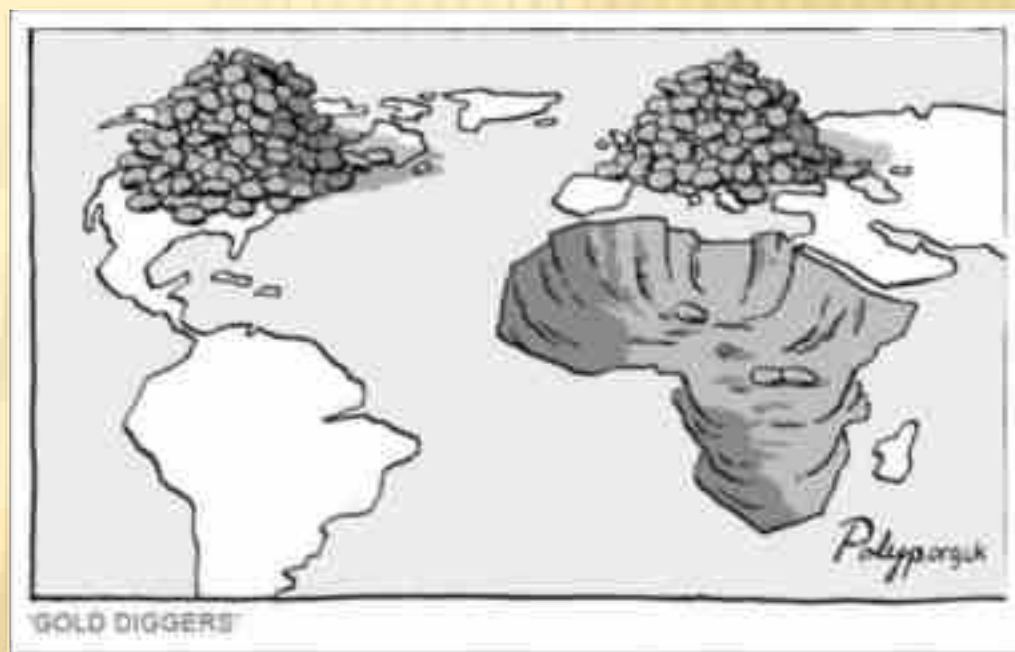
ESTRUTURA DE MERCADO

	CONCORRÊNCIA PURA	MONOPÓLIO <i>monopsônio</i>	OLIGOPOLIO <i>(oligopsônio)</i>
ESTRUTURA	Muitos Vendedores Muitos Compradores	Único Vendedor <i>(único comprador)</i>	Peq qtdade Grandes Empresas
PRODUTO	Homogeneo	Não tem similar	Iguais
PREÇO	Mercado Demanda x Oferta	Vendedor	Concorrência
ACESSO	Livre acesso	Difícil	Difícil



Essa estratégia tinha contudo graves falhas, dentre as quais destacamos:

- ✘ a necessidade de aumento do volume de matérias-primas para a indústria, já escassas nos países europeus e cuja quantidade só poderia ser obtida em realidades não-capitalistas, periféricas e/ou subdesenvolvidas.





“... A necessidade das possessões coloniais, daí a política colonial, as construções navais, a corrida armamentista, a extensão da potência nacional no exterior, os conflitos diplomáticos e, finalmente, as guerras.”

Max Beer



- ✘ *“... Salvaguardar o império dos cidadãos, a comunidade dos crentes contra o estrangeiro, o exterior, os bárbaros... e instituir internamente uma sociedade policiada: a paz – a felicidade (...) Sempre o mesmo princípio: após a conquista e a destruição, a felicidade”*

Jean-Paul Charnay, na obra “Le bonheur par l’empire ou le rêve d’Alexandre”



Com isso, a Grande Guerra, deflagrada em 1914, seria expressão final do processo de desenvolvimento capitalista culminando em guerras imperialistas.



Front Europeu



História das Relações Internacionais II
Prof. Dr. Rodrigo Medina Zagni
Aula – Imperialismo e lutas anticoloniais





Há ainda um outro fator de agravamento em relação ao assédio que se deu sobre realidades não-capitalistas: com a elevação do nível da produção e a concentração da massa de lucro nas mãos de poucos capitalistas, capitais cujo rendimento não fosse compensador nos mercados desenvolvidos foram também aplicados nas realidades periféricas onde passaram a estar presentes também os empreendimentos de menor vulto. A rapina capitalista contava sobretudo com o fato de, nesses países, o movimento operário ou inexistir ou estar em condições ainda insipientes.



A 1904 cartoon about US President Theodore Roosevelt's "Quarterdeck Diplomacy". Roosevelt, who said he wanted to "speak softly and carry a big stick" sent a fleet into the Caribbean to show off American naval power. By William Allen Rogers, courtesy of Granger Collection, public domain.



A UNIFICAÇÃO NACIONAL TARDIA NA ALEMANHA: teve êxito com a inclusão dos Estados do Sul no projeto que substituiu a Confederação Germânica do Norte, convertendo o rei da Prússia, Guilherme I, em *Kaiser* da Alemanha.

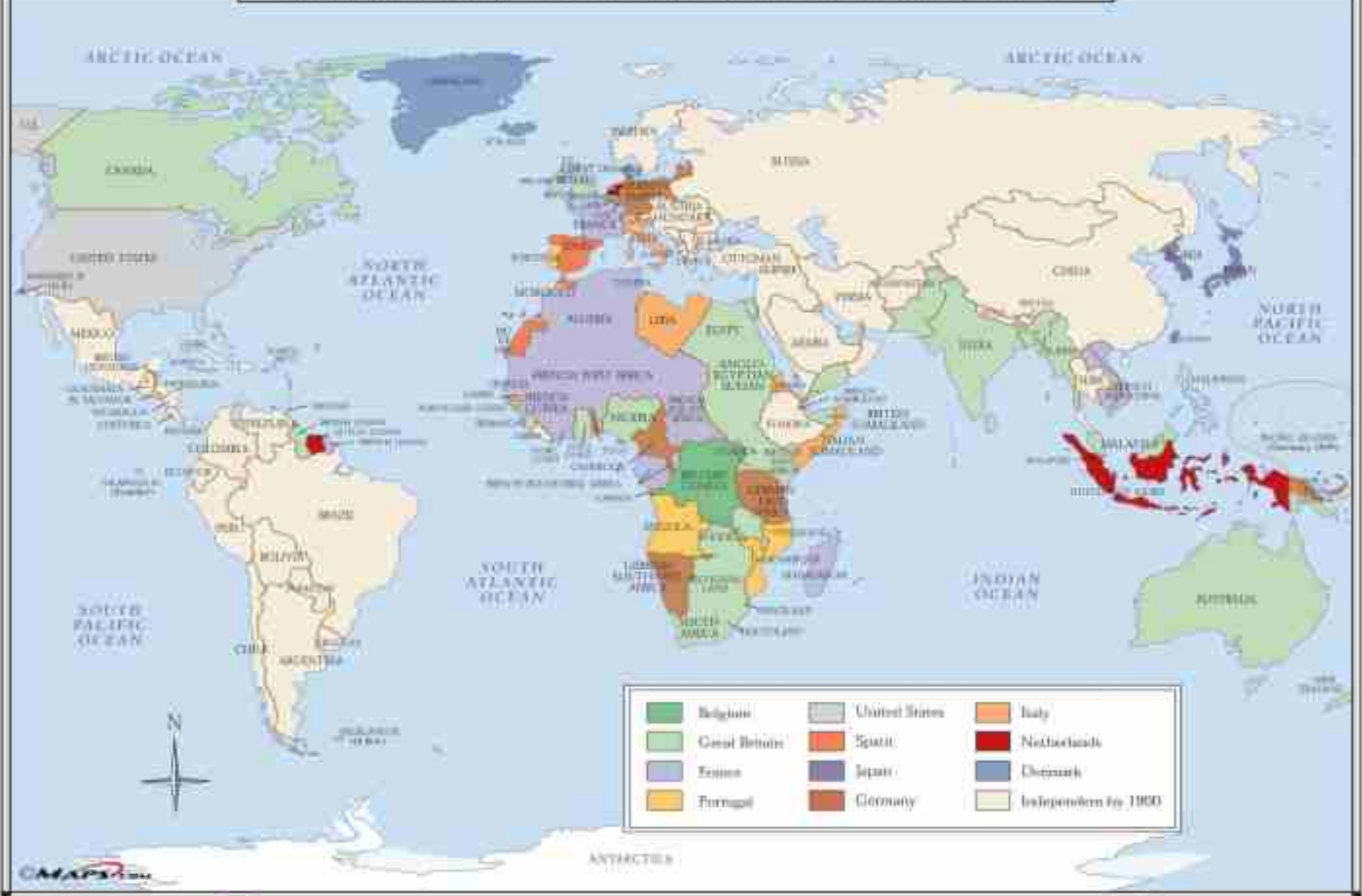
O PAPEL NACIONALISTA DA GUERRA: a guerra desencadeou um surto de entusiasmo patriótico, conforme esperado por Bismarck, e ao longo do conflito armado foram sendo lavrados tratados tanto com os Estados da Confederação como aqueles até ali haviam resistido ao projeto centralizador prussiano, onde se desenhava com nítidas linhas o projeto político de unificação alemã em um império sob a dinastia dos Hohenzollern.













DATA DE NASCIMENTO DA ALEMANHA: 18 de janeiro de 1871 - Quando todos os acordos firmados durante o período de guerra passaram a entrar em vigor, em cerimônia sediada na “Galeria dos Espelhos” do palácio de Luis XIV, em Versalhes, onde o rei Guilherme I enfim converteu-se em *kaiser* (imperador) do império alemão, e Bismarck, ascendeu à dignidade de príncipe, como primeiro chanceler da Alemanha imperial.



Foundation of the German Empire, caricature to the proclamation of the emperor, "On the Ice", drawing, "Söndags-Nisse", Stockholm, 22.1.1871

IMPERIALISM IN THE MODERN WORLD, 1900



 Belgium	 United States	 Italy
 Great Britain	 Spain	 Netherlands
 France	 Japan	 Denmark
 Portugal	 Germany	 Independent by 1900



“Para proteger os capitais, que aí são empregados, os Estados capitalistas estendem seu domínio a esses países, ora por meio da conquista direta, ora por meio da “penetração pacífica”. Esta extensão exige igualmente grandes construções navais e armamentos para proteger os capitais colocados e para lutar contra a concorrência dos países rivais. Tais são as causas fundamentais da política imperialista moderna e das guerras mundiais.”

Max Beer



O IMPERIALISMO TERRITORIALISTA DE ALEMANHA, ITÁLIA E JAPÃO





Já no entendimento de Sérgio Pistone, o longo período guardado na história para o fenômeno do imperialismo se estende de 1870 a 1945 e marca a transição de uma *pax britânica*, no contexto do colonialismo, para tentativas hegemônicas da Alemanha na Europa, berço de potências que submetiam a periferia do mundo ocidental, e Japão, que intentava estabelecer sua hegemonia sobre o mundo oriental.

Da passagem do sistema colonial para a obliteração do equilíbrio de poder europeu e asiático, levando-se em consideração ainda a consolidação do capitalismo industrial, tem-se uma profunda crise do modelo de Estado nacional.





- ✘ *“No momento do perigo coletivo, a eficácia aparece com mais prestígio do que o sistema da dignidade. Dispondo de uma autoridade total, tendo cansado seus cidadãos com disciplinas, fortalecido pela propaganda e pelo isolamento, dispondo também do segredo, é possível o chefe lançar-se em ações aventureiras e notadamente na 'guerra preventiva'. Estando mais bem preparado, porque seu orçamento militar não é objeto de nenhuma resistência, ele pode lançar-se à Blitzkrieg. Ele está em melhores condições, portanto, que seu adversário democrático para obter sucessos iniciais que possam prejudicar o potencial do inimigo.”*

Jean-Baptiste Duroselle



Com relação ao capitalismo industrial, é preciso considerar que a contradição essencial instava no fato de que o grupo seleto de países capitalistas desenvolvidos contava com uma pífia configuração territorial e inexpressiva condição demográfica, para uma produção em massa cujo vulto requeria mercados de dimensões continentais.

Da concorrência que se agudizava frente a essa realidade, na disputa por mercados, agrava-se o quadro de violência imperialista ao passo do predomínio das práticas do protecionismo econômico.



Partilha da África



- ✘ *“[Império] Modelo tipicamente romano, tanto pela forma como pelo conteúdo, o Império representou uma solução permanente para todos aqueles regimes e instituições que, chegados a um determinado momento crítico de sua evolução, procuraram descobrir e definir uma forma superior de poder legal e internamente centralizador, a fim de superar suas dificuldades.”*

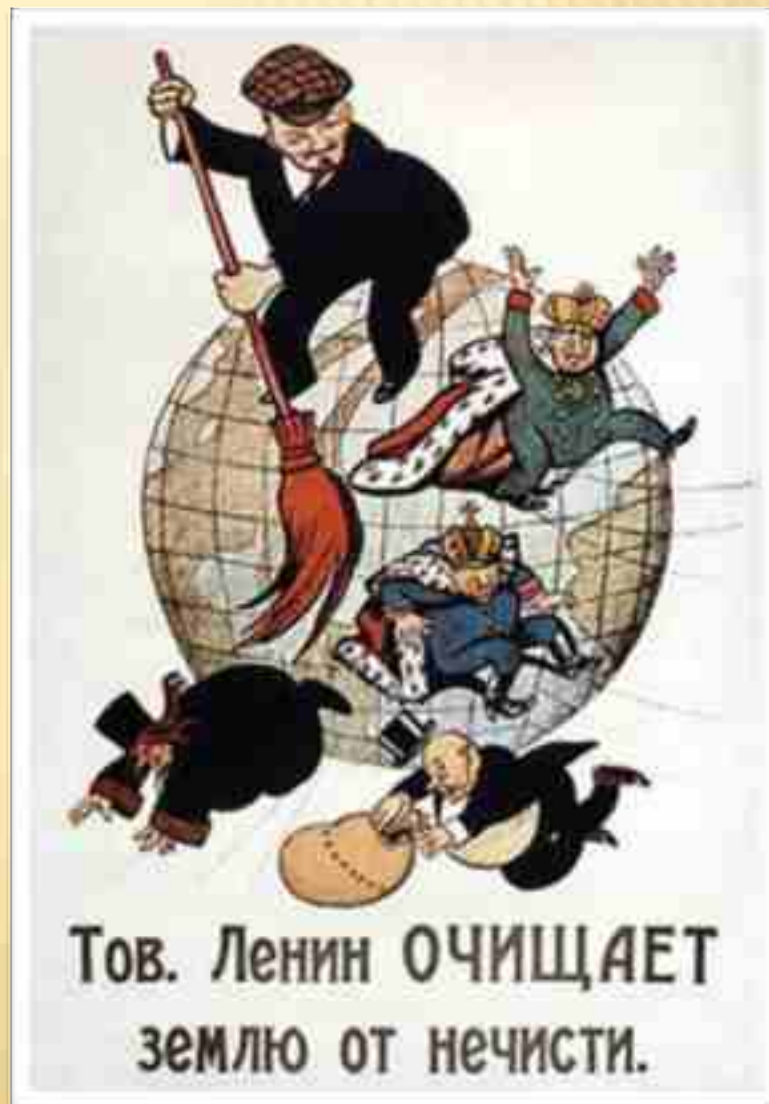
Paollo Coliva, no “Dicionário de Política” de Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino





Tal recurso foi mais radicalizado por Estados como Alemanha, Itália e Japão, cujas dimensões territoriais eram drasticamente limitadas, em relação às exigências impostas pelo desenvolvimento econômico.

Especificamente Alemanha e Itália, que ultimaram seus processos de unificação por volta de 1871 e que, com isso, deixaram de participar da expansão imperialista anterior que beneficiara países europeus, encontrando o sistema internacional já partilhado pelas grandes potências e sob hegemonia franco-britânica, a agressividade, o protecionismo e as reivindicações imperialistas fomentaram ultranacionalismos e práticas belicosas que em curto período contribuiriam para que o mundo mergulhasse nas guerras.





DA ERA DOS IMPÉRIOS À ERA DOS EXTREMOS



Allegory of the British Empire Strangling the World, 1878





As teorias do imperialismo na Segunda Internacional Comunista

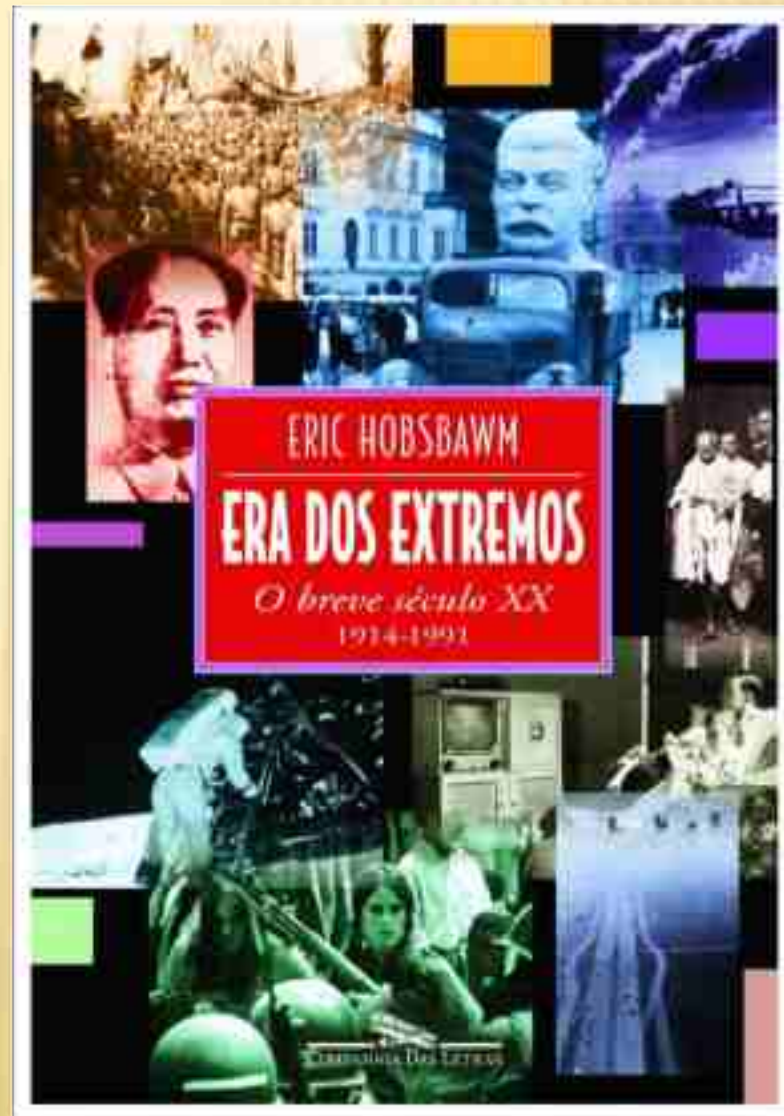
- Rosa Luxemburgo, “O Capital Financeiro”
- Nikolai Bukharin, “O imperialismo”
- Vladimir Lenin, “Imperialismo, fase superior do capitalismo”





É possível traçar portanto a genealogia de uma “Era dos Extremos”, para Hobsbawm referente aos anos de 1914 a 1991, e cuja primeira metade, de 1914 a 1945 se caracterizariam como uma “Era das Catástrofes”, por tratar-se do tempo de desenvolvimento das duas guerras mundiais, e cujo interlúdio apresentou a pior crise já vivida sob o signo do capitalismo.

Esta era catastrófica tem como antessala o imperialismo, fase superior ou o ocaso do próprio capitalismo, desde uma perspectiva leninista; mas sobretudo um período de caos sistêmico que redefiniria os ciclos hegemônicos do capitalismo histórico segundo Giovanni Arrighi, marcando o declínio do poder britânico e a ascensão da hegemonia estadunidense.



GIOVANNI ARRIGHI

O LONGO SÉCULO XX

CONTRAPONTO

CAOS E GOVERNABILIDADE

Giovanni Arrighi e Beverly J. Silver

NO MODERNO SISTEMA MUNDIAL

CONTRAPONTO EDITORA UFRJ



- ✘ “[Imperialismo]... expansão violenta por parte dos Estados, ou de sistemas políticos análogos, da área territorial da sua influência ou poder direto, e formas de exploração econômica em prejuízo dos Estados ou povos subjugados, geralmente conexas com tais fenômenos...”

Sérgio Pistone



PERGUNTA

De que forma, segundo a teoria lenilista do imperialismo, o fenômeno imperialista está relacionado à dinâmicas econômicas?



FACEBOOK
FACEBOOK.CO
M/RODRIGOM
EDINAZAGNI



WHATSAPP
119311303
33



E-MAIL
RODRIGO.MEDINA@UNIFE
SP.BR



WEBSITE
WWW.FORU
M-
HISTORIAE.C
OM.BR



YOUTUBE
[https://ww
w.youtube.
com/chann
el/UCeaGtL
o8nB06dPz
Jy_no1bA](https://www.youtube.com/channel/UCeaGtLo8nB06dPzJy_no1bA)